

## QUEREM CALAR A VOZ DOS PROFESSORES E RESTRINGIR A EDUCAÇÃO DOS SEUS FILHOS

Você já ouviu falar em Lei da Mordança? Talvez não, porém ela está chegando muito perto da escola do seu filho ou da sua filha.

Mas vamos começar pelo início. Mordança é um instrumento, que colocado sobre a boca das pessoas, as impede de falar. Esse instrumento tanto pode ser um pedaço de pano como uma lei. Uma lei? Como assim?

Tramitam na Câmara Legislativa do Distrito Federal e na Câmara dos Deputados projetos de lei que são verdadeiras mordanças. Ou seja, esses projetos querem calar a boca dos professores e evitar que assuntos muito sérios – e que fazem parte da nossa realidade – sejam debatidos em sala de aula.

Mas é justamente na escola onde essa discussão deve ser feita. Lá é o lugar onde os estudantes entram em contato com as mais variadas ideias. Uma até frontalmente contrárias a outras. E é preciso conhecê-las, debatê-las, entendê-las para formar uma opinião. Ao estudar determinado tema temos que mostrar todos os lados da questão.

Fazer essa discussão é dever do professor e direito do estudante. É dever do professor ensinar com liberdade e direito dos estudantes aprender – de uma forma ampla e sem mordança.

Porém, uma turma atrasada de deputados diz que isso não é papel da escola; que não se deve discutir nada; ou, se for discutir, só vale ver um lado da questão (o lado deles). Eles tentam a todo custo em-



placar um projeto chamado “Escola sem Partido” – na verdade um projeto para evitar o rico debate, calar os professores e emburrecer os estudantes. Como podemos formar opinião sobre algo – qualquer coisa – se não debatermos, se não vemos todos os lados da questão?

Você quer que seu filho ou sua filha seja apenas reprodutor do conhecimento, como papagaio? Ou que conheça a realidade, faça as comparações, discuta, pense, proponha e mude essa mesma realidade? O debate livre, sem amarras ou mordanças, é a melhor forma de avançar e construir uma sociedade melhor – com base na pluralidade de ideias e no

respeito entre os diferentes.

No DF, quem o apoia o “Escola sem Partido” e os projetos de mordança são, principalmente, os deputados Sandra Farraj (SD) e Rodrigo Delmasso (PTN). Em nível nacional, o representante maior desse atraso é o deputado Izalci Lucas (PSDB). Eles não estão preocupados com educação, mas em impor um modelo educacional que é só deles.

Se esses deputados estivessem mesmo preocupados, deveriam discutir a valorização dos professores ou a implantação da escola em tempo integral, por exemplo. Mas disso eles não querem nem saber.



**SEM EXPRESSÃO  
NÃO HÁ EDUCAÇÃO!** NÃO À LEI DA MORDANÇA.  
**MORDANÇA É GOLPE!**

# O QUE PENSAR



*Confira o que algumas pessoas ligadas à Educação pensam sobre o “Escola sem Partido” e os projetos de Lei da Mordaza*

“A escola é o espaço de debate sobre todos os temas. É aqui que a comunidade se empodera e que os alunos se preparam para a vida. A gente se esforça para fazer um bom trabalho, aí alguns deputados aparecem para insinuar que os professores querem doutrinar e causar danos aos alunos. Falar sobre política, homofobia ou cultura africana, de uma maneira correta e enriquecedora, pode causar algum constrangimento? Não vejo como isso é possível”. **Simone Rebouças, diretora do Centro Educacional 7 de Ceilândia.**

“Esse projeto empobrece a educação. O que a gente espera é que a construção do conhecimento se dê em diálogo e que as contradições históricas sejam explicitadas, que eles tenham acesso a diferentes leituras, a diferentes ideologias para poder se posicionar”, **Carla Dozzi, mãe de estudante do 5º ano do ensino fundamental de uma escola pública do DF.**

“Há anos estamos lutando por uma educação onde a gente possa verdadeiramente ter liberdade de falar de tudo. Agora que estamos acordando pra democracia, para discussões onde a gente entende que o político deve nos representar e a escola é esse ambiente onde a gente deve falar de política, religião, sexo, mas sem fazer defesas porque o Estado é laico. Como a criança faz escolhas se ela não co-

nhece nada, se ela não sabe de nada e se querem deixar a escola fora disso?” **Marta Caldas, diretora da Escola Classe 115 Norte.**

“A escola não é um espaço isolado do mundo. O debate político, o incentivo à participação na vida da sociedade é fundamental. A escola deve ter esse papel. Caso contrário, vamos ter um monte de robôs, jovens e adolescentes que vão sair da escola treinados sem saber exatamente o que eles vão encontrar fora da escola. E nós precisamos preparar o aluno para a vida, essa é a grande missão da escola”. **Roberto Leão, presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE).**

“O objetivo do ‘Escola sem Partido’ é aumentar o ódio e conservadorismo no país. Esse movimento está tentando propor nas várias assembleias legislativas projetos de lei que vão desde vigilância do professor em sala de aula e até punição através de mandado extrajudicial. Eles sabem que a iniciativa deles é inconstitucional, mas o que eles querem é criar um ambiente de medo e perseguição. É disso que se alimenta o fascismo”. **Madalena Guasco, presidenta da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino (Contee) e professora da PUC de São Paulo.**

“A separação entre Igreja e Estado foi importante para o desenvolvimento humano e para a ciência. Agora, esses segmentos de parlamentares querem colocar em risco garantias constitucionais, como a liberdade de expressão e de ensino. É preciso que haja um grande debate em defesa das prerrogativas dos professores, que têm liberdade para desenvolver seu trabalho”. **Carlos Augusto de Medeiros, doutor em Educação, professor da Universidade de Brasília (UnB).**

“O impacto imediato de um projeto como esse é a desconstrução das bases da educação escolar. A organização ‘Escola Sem Partido’ defende que o ‘professor não é educador’. É falácia que haja doutrinação de esquerda, pois as escolas são plurais como a sociedade. É no diálogo entre professores e alunos em sala de aula que o conhecimento escolar é construído”. **Fernando Penna, professor da Universidade Federal Fluminense (UFF).**

“O professor não é apenas um transmissor de conhecimento, isso contraria o que está na Constituição e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Lá, está escrito que o professor precisa preparar para cidadania, para vida profissional. Estamos voltando a um debate do começo do século passado”. **Carina Martins, historiadora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj).**